

Alucinação coletiva no Planalto

Carlos Honorato, 1 de dezembro de 2016

Que o governo Tupiniquim é uma propinolândia, já faz muito tempo, isso todo o mundo já sabe. Que a nobre classe política legislativa e palaciana já está com o “visto” para entrada no inferno, isso todos já sabem. Que o governo do marido da Marcela é um saco de gatos mal-cheirosos, isso ninguém tem dúvida. O que não se sabe, no entanto, é qual dos nobres representantes do povo vai conseguir sobreviver no cargo nos primeiros capítulos da novela curitibana da “delação premiada”. Especulações e factoides não faltam para mostrar, de forma mais do que evidente, que todos naquela sacro-santa terra brasileira, possuem “telhado de vidro”. O que é novo na propinolândia é que ficou mais do que claro que não existe diferença entre os que estão (ou estiveram) na oposição e os da atual oposição. Os nobres peemedebistas são os alvos preferenciais, pois conseguiram a proeza de “ser governo” nos últimos 20 anos. Eles são, na verdade, malabaristas e mágicos de primeira grandeza na arte da maracutaia governativa. Exemplo disso é a capacidade de dizer (sem ao menos ficarem ruborizados!) que, na verdade, nunca disseram aquilo que muitos dos seus subordinados e assessores juram, de pés juntos, que eles disseram. Um dos últimos escândalos palacianos envolvendo cifras incalculáveis de dinheiro tem como pivô o bem falante e escorregadio ministro Eliseu Padilha. Ele, que é mais liso do que muçum ensaboado, autorizou o pagamento de 469 milhões de reais para a desapropriação de uma fazenda no interior de Goiás (fazenda Estreito da Ponte de Pedra) que possui 4.900 hectares. Os funcionários do INCRA, ao saberem da megaindennização se deram conta que uma grande operação de lavagem de dinheiro estava em curso, pois a avaliação era muitas vezes superior ao valor real do imóvel. Foram para a mídia, os funcionários do INCRA, como última alternativa para impedir a megamaracutaia. Foi nessa hora que entrou em cena o superpoderoso e camaleônico ministro Padilha para demonstrar que ele nunca havia dito aquilo que muitos ouviram (ou pensaram que ouviram!) e que os funcionários do INCRA estavam, na verdade, sofrendo de “alucinação coletiva”, pois não poderiam ter escutado o que nunca foi dito. O mais interessante é que respingos dessa alucinação coletiva chegaram no congresso, pois o deputado Jovair Arantes, tentando defender o bem falante e superministro afirmou: “Ele fez... e, de fato, é o que tem que fazer mesmo!...” Percebe-se que os próprios aliados da nobreza palaciana estão “entregando” as maracutaias, numa clara demonstração de “falhas no adestramento dos discursos aliados”.

Fazendo uma analogia com os desastres hidrológicos, fica claro que o governo do marido da Marcela “está fazendo água” e, por isso, está obrigando a que seus “cães de guarda” apelem para explicações sobrenaturais, tais como o presente caso de “alucinação coletiva”. O pior de tudo é que o pobre povo pobre tem que ouvir isso com “cara de paisagem” e acreditar que um dia (não se sabe em que século!) as coisas serão melhores!